

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941. 376 p.

A tendência universal de valorização social — e, por conseqüência, artística — do povo vem se encontrar entre nós com a evolução mesma da literatura brasileira. O que determina a existência de uma literatura é, em princípio, a sensação de alguém que tem a consciência da sua própria terra. Quero dizer: a literatura de um povo somente começa quando os seus homens se “sentem” na sua terra e na sua gente. Pela sensação da terra, pois, é que a consciência literária se define e se afirma. Estamos agora no Brasil vivendo esse período que é o do homem que já se sente no domínio da natureza. A literatura encontrará, então, nessa natureza, nesse povo, e no encontro dos dois, alguns dos seus mais substanciais e mais sólidos elementos de construção. Ao romance, certamente — sobretudo pela sua capacidade de incorporar as forças poéticas de aprofundamento e exaltação da vida — caberá hoje o papel principal nessa tarefa de interpretação e conhecimento do povo por intermédio da literatura. E deve-se lembrar que a palavra “povo” está empregada aqui num sentido de realidade, e não como figura abstrata de oratória e retórica, não como um vago simbolismo sem consistência. Povo querendo dizer a vida humana que se ligou com uma determinada terra; uma fusão de pessoas e de coisas, numa mesma existência. E essa existência coletiva já estamos sentindo na obra de vários romancistas modernos. Estamos sentindo sobretudo no sr. José Lins do Rego, cuja obra tem exatamente esta finalidade de uma ligação mais profunda e menos convencional com a terra. Os seus personagens, os seus enredos, o seu ambiente social, a sua memória, a sua imaginação

— toda a sua vida é a de um homem que sente a sua terra e tem o destino de exprimi-la literariamente. Vejo que neste objetivo ultrapassa o regionalismo. Pois o seu regionalismo nada tem de uma limitação ou de um círculo fechado. Através do plano regional consegue abrir caminho para o plano nacional e para o plano universal. Por isso é que muito erraram os que o julgavam prisioneiro de um assunto e de uma região. Ele não é somente o romancista do *Ciclo da cana-de-açúcar*, embora esteja nestes volumes a sua obra principal, o que se explica pela circunstância de ser uma figura de engenho e do engenho ter trazido o que há ainda hoje de mais característico na sua personalidade de homem e de escritor. Mas do engenho havia já se evadido para outras realizações literárias em *Pureza*, *Pedra Bonita* e *Riacho Doce*. Agora realiza uma outra evasão com o seu novo romance, apresentando a novidade de um ambiente que não é mais o do Norte. Trabalhou agora com um ambiente do Sul, o de Cabo Frio, que o romancista conheceu através de algumas estadas obrigatórias de funcionário público. E não será sem interesse assinalar o resultado especial que alcança essa união: a de um escritor essencialmente nortista — uma personalidade marcada em todos os sentidos pelo espírito do Norte — com o ambiente social e a natureza física do Sul. O sr. José Lins do Rego, aliás, não recuou diante de nenhuma dessas duas possíveis dificuldades: colocou em planos ostensivos tanto o ambiente social como a natureza física. Obteve nesse novo ambiente um completo êxito literário, o que se admira ainda mais porque se trata do nono romance de um escritor que vive mais da inspiração do que da técnica e do trabalho, mais do que é espontaneamente pessoal do que da arte literária. Nove romances em dez anos significam um perigo do qual se salvar chega a constituir um milagre. E salvar-se nesse caso quer dizer a capacidade de permanecer ao menos no mesmo plano, de não se degradar pela repetição ou pela vulgaridade. Pode-se dizer que o sr. José Lins do Rego se repete mais do que seria natural, que entre os seus romances permanece uma certa construção e uma certa inspiração que os tornam semelhantes, mas nunca a ponto de ser ilícito ou justo falar em esgotamento. Do sr. José Lins do Rego podemos dizer que ele compõe romances como um acrobata que se equilibra numa corda: sempre da mesma maneira, mas sempre com o mesmo êxito. Somente encontramos uma pequena queda no romance de 1939: *Riacho Doce*. Mas como pressentindo o perigo, através desse dom de adivinhação, que é muito próprio dos instintivos e dos apaixonados da vida, o sr. José Lins do Rego se levanta com um máximo de agilidade e de força nesse *Água-Mãe*, romance que suporta comparação com qualquer um dos seus livros mais antigos e de maior sucesso. Esta comparação, aliás, nem vou fazê-la, nem seria possível agora, pelo que exigiria de leitura demorada e especial através de toda a sua obra em conjunto.

Embora nascido no interior da Paraíba, o sr. José Lins do Rego pode ser considerado como um escritor do Recife, onde se formou em todos os sentidos, não só na Faculdade de Direito, mas sobretudo literariamente, na companhia

dos srs. Gilberto Freyre e Olívio Montenegro, com os quais se iniciou na leitura de romancistas franceses e ingleses. E como se sabe, o que caracteriza a vida cultural do Recife é o seu espírito crítico. A crítica do Brasil nasceu no Recife, e o Recife permanece fiel a essa tradição. Este fato explica, talvez, que até os trinta anos o sr. José Lins do Rego não houvesse dado nenhum sinal de romancista, enquanto ia fazendo sucesso com os seus ensaios de crítica. Era talvez o espírito crítico do Recife que retardava a eclosão da sua verdadeira personalidade: a do romancista. Ao se dedicar ao romance, dir-se-ia, porém, que o sr. José Lins do Rego desdenhou todo o espírito crítico, no que ele significa de domínio da razão, da composição artística, da ordem dentro da criação. Realmente, nos seus romances a intervenção do espírito crítico parece-me mínima ou talvez inexistente. O seu estado de criação é o instintivo, o de quem avança no escuro, o da absoluta e desordenada liberdade. A sua criação romanesca encontra-se sob o signo exclusivo de dois elementos, ambos muito ligados aos nervos, sabendo-se que toda a sua obra apresenta essa origem nervosa: a memória e a imaginação. E tanto a memória como a imaginação constituem elementos desgovernados, constituem forças que se bastam a si mesmas. O erro estaria em julgá-las antagônicas ou impossíveis de justaposição, o que já tem acontecido em relação mesmo ao sr. José Lins do Rego. O que se sabe, ao contrário, é que memória e imaginação representam duas faculdades que se relacionam muito de perto, no seu sentido mais rigoroso, que é o filosófico. Num sentido mais geral — no sentido literário, neste caso — ainda se apresentam mais unidas e mais identificadas. Poderemos dizer que se apresentam sempre juntas e inseparáveis. A imaginação é da memória mesma que nasce e se desenvolve. Não sei de ninguém que possa ter imaginação sem ter memória, lembrando a propósito que o ser mais dotado de capacidade imaginativa — o profeta — também se acha possuído de um dom espantoso de retenção do passado. Pois quanto maior for o poder de conservar o passado maior será o poder divinatório de uma projeção sobre o futuro. Em literatura, pelo menos, nenhuma obra existe sem que tenha se constituído de memória e de imaginação. Mesmo a que parece ter somente imaginação, como a literatura fantástica dos contos de Poe; mesmo a que parece ter somente memória, como a obra dos naturalistas. No caso do sr. José Lins do Rego encontramos sem esforço uma memória muito aguda e uma imaginação muito poética que operam juntas e se desenvolvem em harmonia. No entanto, ele dá a impressão, no primeiro momento, de que se acha inteiramente dominado pela memória. Uma simples impressão, porém, que se levanta por efeito de duas circunstâncias: a da sua técnica de romancista, sempre reduzindo todo o romance a uma narração de acontecimentos como que realmente vividos e já tornados históricos; e de partir sempre de um fato real que somente depois passa a ser alterado e ultrapassado. Esta situação se encontra em *Água-Mãe*, como em qualquer outro dos seus livros. O romance aparece como a história de vidas e acontecimentos existentes, mas na verdade esta constatação vem mais da maneira do romancista do que da realidade

do romance. Mas, na verdade, *Água-Mãe* é romance e não história. Por outro lado, quase tudo que nele existe foi a princípio história, isto é: a sua origem se acha na existência real. Mas o romancista ultrapassou ou mutilou esta existência real, e de maneira tão imprevista que não se confundem mais nem se ajustam a existência real e a existência do romance. A memória e a imaginação estão ligadas em *Água-Mãe* e duvido que alguém veja onde se encontram as suas fronteiras. Não há dúvida que as fronteiras se tornaram realmente invisíveis.

Dessa presença de memória e de imaginação decorre para *Água-Mãe* o privilégio de se apresentar ao mesmo tempo como um documento social e como obra de literatura. Todo verdadeiro romance, aliás, participa desse privilégio, pois a obra literária representa simultaneamente uma expressão do seu meio (documentação social) e uma expressão artística (documentação da personalidade do artista). Toda a obra do sr. José Lins do Rego constitui, por isso, uma importante documentação social para utilização posterior dos sociólogos e dos historiadores. Uma característica do romance moderno é que ele nem pretende se colocar nas nuvens, nem pretende se apoiar numa sociedade convencional de artifício. Assim, nenhum historiador do futuro poderá prescindir, para o estudo da nossa época, da obra do sr. José Lins do Rego, como também de alguns outros romancistas aparecidos nestes últimos quinze anos. Nos romances modernos é que se encontrará a história social do nosso tempo. Será impossível, por exemplo, levantar a história do engenho — do engenho e da sua decadência, por efeito da voracidade, da cobiça e do assalto das usinas — sem o conhecimento do *Ciclo da cana-de-açúcar*. E agora o romance *Água-Mãe* vem se constituir como uma outra documentação de novos aspectos da vida social brasileira. Deve-se acrescentar, aliás, que de todos os romances do sr. José Lins do Rego este *Água-Mãe* é o que apresenta um plano social mais amplo e mais extenso. O que abrange maior número de aspectos e situações sociais. *Água-Mãe* apresenta uma história de três famílias, sendo ao mesmo tempo uma representação da existência de três camadas sociais diferentes: a família rica, a família média e a família pobre. De uma certa maneira, encontramos personagens representativos de toda a nossa sociedade. E o romancista caracteriza muito bem a sociedade brasileira na qual as classes existem realmente, mas sem que haja muita definição nas suas diferenciações, tornando-se possível e até muito comum a ascensão de membros das classes mais baixas para as mais altas. Desde o momento em que a família rica se instala na "Casa Azul" — a sua fortuna e o seu brilho mundano começam a fascinar as figuras mais ambiciosas das outras duas famílias. *Água-Mãe* poderia se definir como a história de criaturas que desejam fugir das suas condições naturais, que procuram se desligar dos seus círculos sociais. É o escritor Paulo Mafra, que quer salvar o seu país através de uma doutrina política. É Lúcia, que deseja uma vida mundana mais intensa e mais brilhante. É Joca, que encontra num sucesso momentâneo uma ascensão artificial. Mas no fim todos

fracassam e todas as ilusões se desmoronam. Parece-me que o Destino é que é o grande personagem deste romance. Todos os seus seres estão marcados pela fatalidade; todos estão marcados por um desajustamento entre os seus sonhos e a realidade. Paira sobre todo o livro uma atmosfera de irreparável desgraça. Até mesmo os que encontraram uma finalidade para a vida — como é o caso de Marta e Luiz — acabam paralisados pela morte. Com exceção de algumas figuras mais apáticas e envolvidas por um lento e silencioso sofrimento, todo o romance se desenvolve sob esta sensação: a de personagens que lutam contra a realidade que conhecem, ou contra o destino que apenas pressentem. Para dar exemplos, destaco dois personagens, cujos tipos em romance se apresentam com um caráter de novidade, um de novidade relativa e o outro de absoluta: o intelectual e o jogador de futebol. Acho que não é nada fácil colocar um escritor como personagem de romance, e são raríssimos os que o fizeram em toda a literatura universal. O sr. José Lins do Rego atirou-se a essa empresa com a sua natural desenvoltura, embora no personagem Paulo Mafra se destaque mais um drama da inteligência do que propriamente uma figura de escritor. Esse drama — cujo desdobramento em romance me agrada de maneira especial pelo muito que se ajusta às minhas idéias — é o do fracasso do escritor sempre que o seu pensamento vai ser levado para a realidade. O das idéias que sempre se alteram e se corrompem no momento da realização. Este é o drama de Paulo Mafra: o de ver as suas idéias violentadas e corrompidas dentro da política militante, o de ver o seu livro rebaixado a um instrumento de propaganda política. Bem diferente é o caso de Joca, o jogador de futebol, entidade hoje tão popular que entra agora para a literatura por intermédio do sr. José Lins do Rego. O estado de espírito de uma sociedade que delira diante dos jogos de futebol determinou o seu êxito; um êxito de habilidades das quais o próprio Joca não tinha consciência. O seu sucesso, como o de todos os inconscientes, não tem duração, porém. Tudo se extingue na sua vida, aos primeiros sinais da doença e da incapacidade física. Pulando de um extremo para o outro, diremos que tanto o intelectual como o jogador de futebol se acham muito bem caracterizados em *Água-Mãe*, onde talvez tenha sido excessivo o gosto do romancista em descrever dois jogos com uma precisão e um conhecimento de cronista esportivo. . . Outro personagem dramático, em que o drama da vida, no entanto, avulta mais do que o personagem, como no caso de Paulo Mafra — é Luizinha, a menina aleijada, simbolizando o desejo impossível de amar e o ódio impotente contra o mundo. Direi, porém, que o episódio de Luizinha com as suas cartas de amor — através do qual parece o romancista haver pretendido uma altura de grande emoção — deu-me uma impressão de cena excessiva e pouco convincente. E vejo, afinal, que se torna impossível qualquer referência especial aos outros personagens, em face do seu número e dos seus destinos particularizados. Todos, porém, apresentam uma determinada capacidade de interessar o leitor, embora os personagens de *Água-Mãe* sejam sobretudo as três famílias. Mais as famílias do que os seus membros individualmente.

Mas o que chamo a documentação social do sr. José Lins do Rego não se ajusta exatamente à realidade. A imaginação do romancista tudo transfigura e tudo transforma. E esta imaginação é que faz do sr. José Lins do Rego um romancista, e que faz de *Água-Mãe* uma obra de literatura. Ele anima os seres humanos, como as coisas da natureza, de uma poderosa substância poética, de uma visão lírica que representa a nota mais dominante do seu temperamento. Vemos que é o lirismo que se encontra na origem dos seus impulsos de criação. Eu definiria o temperamento do dr. José Lins do Rego com estes quatro elementos de caracterização: lírico, sensual, dionisíaco, romântico. Estas forças íntimas determinam a sua ânsia de comunicação com a natureza física e humana. Pois não são somente os homens que interessam a este romancista, mas também a terra, as águas, as casas, as árvores, os animais, todos os elementos da natureza. *Água-Mãe* se dobra por toda parte e se anima de preocupações de todas as espécies. Lembro especialmente as páginas que descrevem a "Casa Azul" e as paisagens que a envolvem, sobretudo a da lagoa. A "Casa Azul" centraliza o romance, e do seu mistério é que partem os caminhos de todos os destinos pessoais do romance. E o mistério da "Casa-Azul" não se apresenta apenas como uma sugestão ou como uma atmosfera. O romancista desenvolve-o em vários aspectos, e com uma paixão que se transmite ao leitor com a maior naturalidade. Utiliza a ocasião para o aproveitamento de lendas, de superstições, de mal-assombrados, de fantasmas. De todo um longo e escondido potencial de vida popular. As literaturas latinas, aliás, são bastante pobres em matéria de literatura fantástica, um gênero em que anglo-saxões e russos conseguem realizar verdadeiras obras-primas. A propósito, Edmond Jaloux perguntava certa vez o que determinava a literatura fantástica na Inglaterra: se eram os fantasmas que criavam as casas mal-assombradas, ou se eram as casas mal-assombradas que criavam os fantasmas. O sr. José Lins do Rego, em *Água-Mãe*, realizou uma coisa e outra: criou fantasmas e criou uma casa mal-assombrada, atingindo situações de forte intensidade. E creio que teria obtido um efeito ainda maior se não lhes desse um caráter de história inverossímil, se houvesse dado a impressão de que também o romancista acreditava na casa mal-assombrada e nos seus fantasmas. Mas ainda nestas páginas se encontra um sinal da sua simpatia pelo povo — pelo povo que "já não mandava nas terras, mandava nas águas". O romancista encontra no povo uma correspondência para a sua exuberância de vida, para a sua ânsia de viver e de se continuar na sua obra.

Vejo-me tentado a isolar certos trechos de *Água-Mãe*, ou para dar exemplos, ou para documentar afirmações. Mas me detenho neste propósito, porque qualquer isolamento de frases, ou mesmo de capítulos, constitui uma mutilação para um romance do sr. José Lins do Rego. Trata-se de um autor que só pode ser lido por inteiro. E acho que essa circunstância provém da sua técnica, que ele supre com a sua maneira pessoal de ser romancista. Escrevendo em 1937 sobre *Pureza*, acentuei que o sr. José Lins do Rego era sobretudo um narrador, um

contador de histórias. Um narrador no sentido mais natural e mais primitivo da expressão — o de narrador oral da idade média, por exemplo. E vi com agrado que essa opinião veio a coincidir com outras que se exprimiram depois, com a de críticos tão agudos e tão compreensivos como os srs. Olívio Montenegro e Pedro Dantas. No sr. José Lins do Rego, o estilo — um estilo de raro sabor e de indiscutível originalidade, com a capacidade de influir na renovação de toda uma língua — tem caráter mais oral do que literário. A sua técnica é a do narrador que empreende a aventura de uma história sem qualquer consideração pela composição ou pela ordem do romance. Torna-se desconcertante a sua volubilidade de pensamento, constantemente, e mais de uma vez, saltando, numa mesma página, de um tema para outro, desdobrando-se arbitrariamente entre os extremos, numa mesma ocasião, com a maior indiferença pela atenção do leitor ou pelo seu desejo de lógica. Quanto ao seu estilo, creio ainda que significa uma tentativa de adaptação ao assunto. Uma maneira de exprimir a vida do povo na sua própria língua. Acho, por isso, que faria bem ao romancista aumentar o número dos diálogos, o que daria aos personagens uma mais direta sensação de vida. Também sugiro a necessidade de umas certas variações no desenvolvimento da narrativa. O sr. José Lins do Rego apresenta-se sempre muito uniforme na sua técnica, lançando personagens e cenas sempre de uma mesma maneira. Por outro lado, a chamada técnica de repetição, em que se tornou um *virtuose*, quase sempre tem um efeito feliz, mas às vezes se torna cansativa e inútil, o que está exigindo o *controle* e a vigilância do romancista. Mas estas virtudes da razão e da vigilância, que geram a composição e a técnica, não são as virtudes do sr. José Lins do Rego. No entanto, acredito que os dons de paciência, de concentração, de composição técnica — representam virtudes que só poderiam valorizar e engrandecer ainda mais a sua obra. Somente elas têm o dom de levar à perfeição, devendo-se acrescentar que a composição literária em nada altera ou corrompe a força de criação. E esta força de criação, no seu caráter original, é o que não falta ao sr. José Lins do Rego. A sua obra é uma confissão de personalidade. Não sei de outra em que se projetem com tanta espontaneidade e com tanto ardor de vida um temperamento e uma natureza de homem.

ÁLVARO LINS
(Correio da Manhã,
17 jan. 1942)